

O suco de laranja está ganhando as ruas



EDITORA
GLOBO
ANO 11 Nº 130
AGOSTO 1996

GLOBO RURAL



Exemplar macho
do rebanho preservado
em Bagé, RS

PLASTICULTURA

**ESTUFAS PARA
AUMENTAR A
PRODUÇÃO**

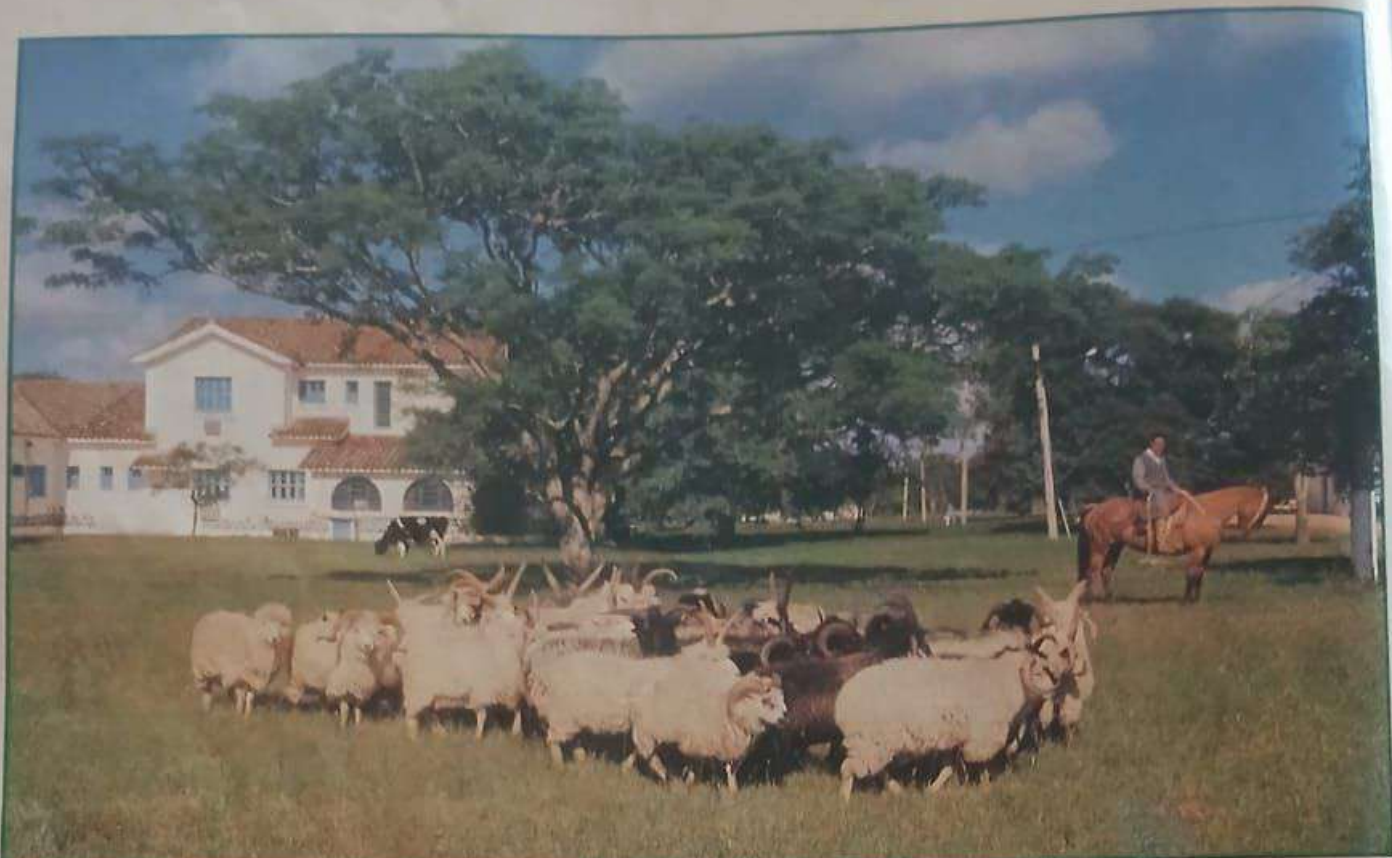
**Peixes na gaiola ■
Feno de inverno ■
Morcegos do mal ■
Pato de verdade ■**

OVELHAS

HERANÇA COLONIAL

**Gaúchos retomam criação da
raça rústica e de lã lisa**





A Embrapa de Bagé (RS) formou seu rebanho com animais trazidos da fronteira e da região serrana

OVELHAS

Pequenas, rústicas e com ovelo de fibras longas e lisas formando um manto espesso sobre o corpo, as ovelhas crioulas da fronteira e da região serrana do Rio Grande do Sul são remanescentes dos primeiros ovinos que chegaram ao país no período de colonização, descendentes de velhas linhagens européias. Por sorte e também pela dedicação de alguns criadores, que conservaram puros pequenos rebanhos herdados de seus ancestrais, a ovelha crioula atravessou séculos e sobreviveu. Essa raça difere muito das outras criadas no Sul, onde predomina a corriedale. Além da lã lisa e colorida — branca, preta, cinza e castanha em várias tonalidades —, os machos têm dois e, às vezes, até três pares de chifres. Sua lã sempre foi preferida para a fabricação caseira de abrigos e cobertores, preparados em teares rústicos.

Desde 1982, o CPPSul — Centro de Pesquisa de Pecuária dos Campos Sul-

Brasileiros, da Embrapa de Bagé, Rio Grande do Sul, conduz um programa de pesquisa para avaliação e caracterização da raça, coordenado pelo Cenargem — Centro Nacional de Recursos Genéticos, também da Embrapa. Os animais são medidos e os pesquisadores fazem comparações genéticas. Os estudos já realizados comprovaram que, geneticamente, as ovelhas crioulas são semelhantes às raças leiteiras da Península Ibérica. Como resultado desse trabalho, os rebanhos existentes em poucas propriedades se desenvolveram e multiplicaram. A Embrapa começou com 30 animais cedidos por criadores de Bagé, Uruguaiana e Caçapava do Sul; agora tem 250. O banco de germoplasma de ovelha crioula lanada, mantido pelo Cenargem, conserva sêmen e embriões.

Em Bagé, o programa é liderado pela veterinária Clara Silveira Luiz Vaz, com especialização em ovinos e história pessoal ligada à raça. Sua família cria ovelhas há 300 anos. Ainda criança, ela era encarregada de procurar no campo ervas nativas para tingir a lã crua que todos os anos, na época da tosquia, enchia o galpão da proprie-

dade. Do produto dessa colheita saíam tintas de cores pastéis, usadas para enfeitar cobertores, enxergões ou pelegos (peças de lã colocadas sobre o lombo dos cavalos, por baixo dos arreios) e ponchos grossos contra o frio do pampa. Hoje, além de estudar cientificamente a raça, ela também pesquisa o aproveitamento artesanal dos fios rústicos da ovelha crioula e, como fez no passado, procura essências nativas para tingir a lã (ver *As plantas dão os tons*).

Quando o programa da Embrapa começou, não havia no Rio Grande do Sul e Santa Catarina mais de 400 cabeças de ovelhas crioulas, em pouco mais de 20 propriedades, cinco das quais na fronteira. O número de criatórios aumentou e, segundo a pesquisadora, atualmente há de 900 a 1.000 exemplares na fronteira e cerca de 4 mil na região serrana dos dois Estados, já como resultado do trabalho de preservação. Ao selecionar animais levando em conta algumas características mais importantes — como rusticidade, por exemplo —, o programa “é uma segurança para momentos de crise”, diz Clara. “Assim, teremos material genético adaptado à

criação na fronteira. E poderemos usar esses recursos em outras raças, para garantir índices de produção."

De porte pequeno e aparência diferente da maioria das raças produtivas criadas no Sul, a ovelha crioula às vezes é confundida com animais mestiços, sem raça definida, ou com os da raça karacul. As mechas de lã são longas, formadas por dois tipos de fibras: "Umassão finas, onduladas, de pequeno comprimento (lanilha), outras são longas e lisas", diz Clara. Elas formam o velo, que se divide no dorso e cai lateralmente, como um manto. As fêmeas também têm chifres, na maioria das vezes rudimentares.

"Trabalhar com ovelhas crioulas é como lidar com a história do Rio Grande do Sul", diz Clara, que identificou duas prováveis vias de chegada dos animais ao país. Uma delas teria sido com os jesuítas espanhóis. Eles entraram no Estado no século 17, vindos do Ocidente, tendo cruzado o Rio Uruguai na fronteira entre Brasil e Argentina. Ao saírem, deixaram bovinos, ovinos e eqüinos abandonados nos campos, formando grandes populações selvagens. "No caminho, os jesuítas plantavam umbus", conta a veterinária. Hoje, umbus centenários e cercas de pedra são considerados indicadores da passagem dos jesuítas. Coincidentemente ou não, onde há velhos umbus e cercas de pedra, também há rebanhos de ovelhas crioulas. Quando os portugueses chegaram ao Estado, depois dos espanhóis, também traziam ovelhas.



Veterinária Clara Vaz: uma história familiar de 300 anos de criação da raça

A pesquisa de Clara Vaz identificou duas linhagens de ovelhas crioulas, ou dois ecotipos, no Rio Grande do Sul. O ecotipo da fronteira foi encontrado numa faixa entre o município de Pinheiro Machado e o Rio Uruguai, nos limites do Estado com a Argentina, região denominada Vacaria del Mar no passado colonial. A cor de sua pelagem é heterogênea. As tonalidades vão do branco ao preto, incluindo tons de bege, castanho, ocre e cinza. A incidência de chifres múltiplos é maior entre os machos dessa região. O ecotipo da serra vive numa área grande do norte do Estado e no Planalto Catarinense, tem pele pigmentada, escura, e mechas de pelos um pouco mais

curtos, pretos, cinzas ou castanhos. Há ainda uma cor denominada "moura", mistura de fios claros e castanhos. Os machos ostentam um par de chifres em espiral, muito abertos.

São ovelhas muito rústicas e seu comportamento difere do de outras raças. Ao percorrer as regiões de fronteira e de serra em busca de animais, Clara chegou a ver em São Joaquim (SC) ovelhas crioulas escavando a neve para comer pinhões soterrados, único alimento ao seu alcance. Na serra, pequenos proprietários criam quatro ou cinco animais pelo sistema semi-intensivo, para produção de lã, em consorciação com lavouras. Ali são comuns dois partos por ano. "Elas têm habilidade materna superior, não observada em outras raças. Essa característica é explorada ao máximo pelos criadores. O reprodutor é mantido no rebanho e as parições se concentram no fim do verão e início da primavera", diz Clara Vaz. Na fronteira, a dupla parição não é tão comum, possivelmente por diferenças de manejo. Após o parto, o cordeiro não demora mais de cinco minutos para ficar em pé e acompanhar a mãe. Esta modifica seu comportamento e se torna agressiva. Caminha em torno da cria, protegendo-a contra predadores. Durante a chuva, deita-se sobre ela. Em momentos de perigo, quando são dois os cordeiros, a ovelha cobre um com o corpo e o outro sobe às suas costas.

Seu habitat preferido são áreas de vegetação arbustiva, em vez de campo raso. Por isso, estão menos sujeitas à infestação por parasitos. Animais



O animal da fronteira (à esq.) tem vários chifres; o da serra, só um par

OVELHAS

gregários, dificilmente se separam em subgrupos. Os que ficam na periferia do rebanho olham fixo e de frente para qualquer pessoa ou animal que se aproxime, atentos à eventual ameaça. "Pulam cercas elétricas e não há arame que os impeça de passar", conta Clara. Muitas vezes, machos afoitos têm de ser contidos com cercas altas, para não cobrir fêmeas de outras raças.

Pesquisa entre criadores apontou como vantagens da raça a resistência ao pietim (infecção contagiosa dos cascos, também conhecida como manqueira), a habilidade materna, a rusticidade e a qualidade da lã. Das crias, 87% sobrevivem até o desmame. Isso representa superioridade de 35% sobre a raça corriedale, a mais difundida no Sul, diz Clara Vaz, com base em resultados parciais da pesquisa. Além disso, ressalta, com estação de monta no outono, a relação entre o número de ovelhas paridas e acasaladas é de 94%.

Em Meia Lua, primeiro distrito de Lavras do Sul, a cerca de 70 quilômetros de Bagé, a história da família Fernandes, proprietária da Estância Velha e de um rebanho de ovelhas crioulas, remonta ao século passado, quando um de seus antepassados recebeu 20 quadras de sesmaria de herança. Uma das filhas desse herdeiro casou-se com Manoel Fernandes, mestre marceneiro, recém-formado em Coimbra, Portugal, que veio ao Brasil com outros jovens profissionais e foi contratado para reformar a casa da fazenda. O casal recebeu de dote duas quadras de sesmaria povoadas de ovinos. "Acreditamos que eram ovelhas crioulas", diz Maria Helena Fernandes, secretária de Educação de Lavras do Sul e neta do coimbrão Manoel. Sua mãe, dona Olema Fernandes, ao se lembrar da infância, associa a lã a trabalho: "No verão, toda a gurizada ajudava a abrir a lã de travesseiros e colchões.



A Estância Velha (foto acima), da família de dona Olema Fernandes (à esq.), em Lavras do Sul (RS), tem longa tradição na criação de ovelhas crioulas



Ela era lavada para chegar limpinha ao inverno seguinte", conta. Fabricar artigos de lã era ainda mais trabalhoso. "Tecer as antigas da região vinham ajudar", lembra. "Faziam-se colchões, travesseiros, cobertores, acolchoados e ponchos. Os berços dos bebês eram forrados com a pele curtida, pois naquele tempo não havia plástico." O velho Manoel, lembra-se dona Olema, vendia peleços, curtidos por um

processo caseiro que usava pedra-ume e sal. Depois de tirado o couro da ovelha, esses dois produtos eram espalhados sobre ele, deixando-o ligeiramente umedecido. Em seguida, o couro era enrolado e posto para curtir. Mais tarde, era lavado, amarrado em estacas para secar e sovado por muito tempo, com pá de madeira, até ficar macio. "Apesar do trabalho, valia pouco", diz Olema.

"Nosso pai era autodidata", conta Maria Helena. Aos 17 anos, órfão, Breno da Silva Fernandes tornou-se responsável pela família. No verão, organizava "comparsas", como eram chamadas as equipes de esquiladores (tosquiadores) contratadas pelos fazendeiros para tirar a lã das ovelhas antes do início da temporada de calor. Preservou a ovelha crioula, mais interessado na carne. Aperfeiçoou o rebanho até conseguir ovelhas mochas, sem chifres que atrapalhassem na hora de tirar o peleço. "Ele fez cruzamentos dentro do rebanho, para chegar ao refinamento da raça", diz João Brasil, o outro filho de Breno que, depois de se aposentar como gerente do Banco do Rio Grande do Sul, passou a cuidar de sua parte na propriedade e tratou de preservar as ovelhas crioulas. Segundo ele, o pai soube transmitir aos filhos a dedicação à raça crioula e ensinou-os a evitar cruzamentos com





Família Bauermann: o que era uma brincadeira se tornou bom negócio



Theodora: animais de pelagem negra

outras raças, conservando a linhagem pura. Apesar disso, João Brasil chegou a cruzar alguns animais com karacul, mas depois desistiu. "A cruzada dá lá linda, é a média de peso dos animais é maior, mas procuro evitar esses cruzamentos", diz. Na propriedade de 365 hectares, ele tem um rebanho de 44 animais rústicos e resistentes. "Se o criador não tomar os cuidados sanitários necessários, as ovelhas agüentam do mesmo jeito", assegura. Ele também cria ovelhas ideal ou polwarth, de origem australiana, e bovinos, com predominância de aberdeen angus e red angus. Em visita à Estância Velha, a veterinária Clara Vaz se surpreendeu com os animais mochos do rebanho, mas confirmou que são crioulos puros.

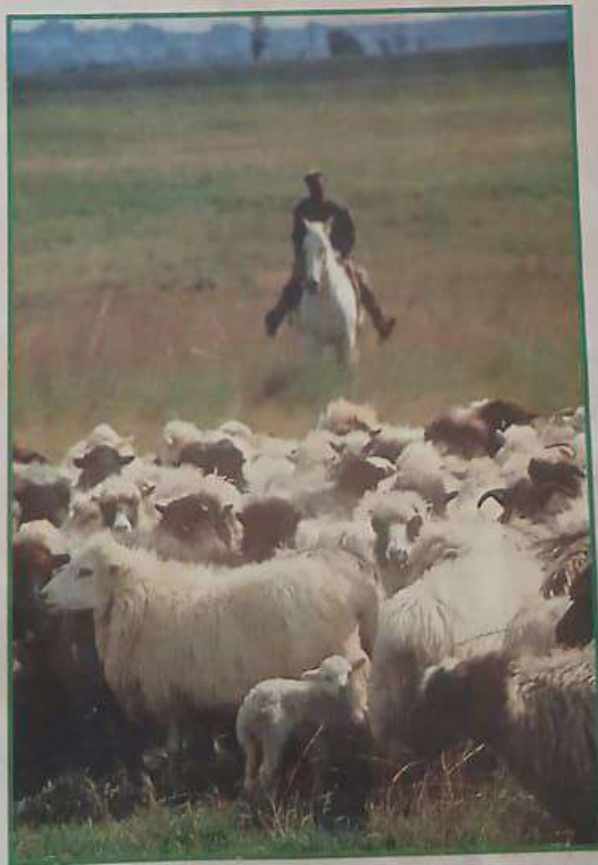
"Comecei brincando, mas agora vejo que ovelha é bom negócio", diz Armando Bauermann, produtor e também vereador em André da Rocha, pequeno município serrano a cerca de 200 quilômetros ao norte de Porto Alegre. Sua mulher, Theodora, e os filhos Anderson e Diego, de 16 e 15 anos, compartilham de seu entusiasmo pela criação. Em 1992, ao comprar os 35 primeiros exemplares, ele não previa que as ovelhas se tornariam um negócio importante. O primeiro lote também tinha animais das raças suffolk e île-de-france, mas ele logo se desfez desses exemplares. "Gostamos mais das pretas", diz. Na verdade, ele se entusiasmou com sua produtividade: "As ovelhas de outras raças falham muito e dão, no máximo, uma cria por ano. As crioulas seguidamente têm partos de gêmeos e podem ter duas gestações por ano". A diferença também é evidente nas crias. "Os filhotes de ovelhas

brancas são molengos, custam a se levantar depois do parto. Muitas vezes é preciso ajudá-los a mamar. Os crioulos nascem e já saem andando. E a ovelha cuida melhor dos filhos", diz Armando.

Em sua propriedade de 104 hectares, a chegada das ovelhas provocou mudanças. Aos poucos, as lavouras foram perdendo espaço para a pecuária à medida que a rentabilidade da agricultura caía nos últimos anos. Além dos ovinos, ele cria mestiços de bovinos devon com nelore. A decisão de inves-

tir na criação foi uma boa escolha, admite Armando, que não se arrepende da troca. Hoje, ele só cultiva batata-inglesa, milho e pastagens de azevém, aveia e milheto, em consórcio com a criação. Após a colheita da batata, as ovelhas são soltas na resteva. Além de comerem a massa verde, elas também consomem as batatas-sementes, que não são aproveitadas. Depois da colheita do milho e da soja, pastam na área junto com o gado, comendo a palha e também os grãos caídos no solo. "Os bois e ovelhas não se estranham e dividem a comida", explica Armando. Há alguns anos, quando a comida se tornou escassa, o criador largou as ovelhas no milharal. "Elas comeram o inço e as folhas mais baixas. Eu só as tirei quando o milho começou a pendoar. O aproveitamento foi bom", diz.

Do rebanho de 400 ovelhas, Armando separa em piquetes as ovelhas prenhas e aquelas com filhotes ao pé. Todos os animais recebem brincos de identificação e é feito o controle de prenhez e de nascimento. Os animais que falham são afastados. Ele usa os seis reprodutores de seu plantel com cuidado, para evitar consanguinidade. "Já começa a ficar difícil evitar o parentesco", ele admite. "Vou ter de buscar reprodutores cada vez mais longe." Este ano, ele pretende produzir cerca de 200 cordeiros.



O rebanho aumentou de 400 para 5 mil cabeças



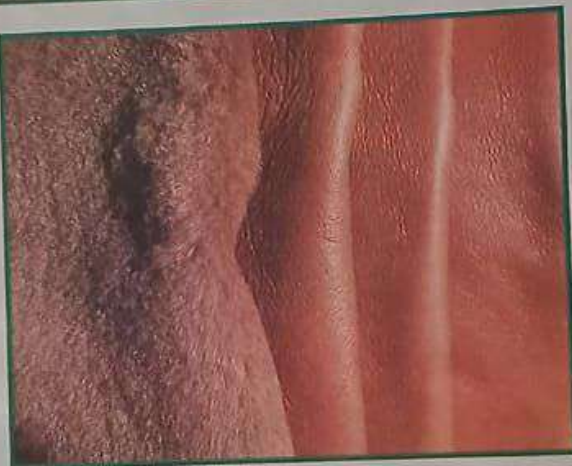
Com as cores originais ou tingidas com corantes à base de plantas, peças de artesanato e a "napalã" (à dir.) têm mercado garantido

OVELHAS

As plantas dão os tons

Corantes naturais valorizam artesanato

Ao mesmo tempo em que estuda as ovelhas crioulas, a veterinária Clara Vaz incentiva a fabricação de produtos artesanais de lã rústica. Nessas peças, o pêlo de animais de cor preta, castanha ou de outros matizes é aproveitado ao natural, e o de ovelhas brancas em geral é tingido com corantes naturais. O estímulo a essa atividade não é difícil, pois em todo o Rio Grande do Sul, número apreciável de famílias vive exclusivamente do artesanato. Alguns pólos, como Pinheiro Machado e Bagé, são mais desenvolvidos. Ali, tecelões usam o fuso e a roca para fiar a lã. O fuso, instrumento simples e primitivo, consiste basicamente de uma haste que é girada sobre si mesma com movimentos manuais, para formar o fio, que, entretanto, não tem espessura uni-



forme. Segundo a tradição, no passado toda moça ao se casar ganhava um fuso para poder ser independente do marido. "Era um dote de casamento e um instrumento de autonomia", diz Clara. A roca, explica, é um equipamento maior, mais completo e elaborado, capaz de produzir fios uniformes e finos. E também mais caro. Segundo ela, a roca é mais usada na região do litoral.

Em Cambará do Sul, na serra, os artesãos costumam fazer cochonilhos (pelegos de tecidos) quando faltam os pelegos tradicionais pela redução do abate de animais para consumo de carne. Nos cochonilhos, os fios longos do velo são trançados na urdidura do tecido. Em Lavras do Sul, quem trabalha com lã prefere as cores naturais dos pêlos das ovelhas. Só as lãs mais claras são tingidas com folhas, flores, caules e raízes de várias plantas. Essas tinturas não são aproveitadas nas indústrias, por não darem cores uniformes, dentro dos padrões de qualidade normalmente

exigidos. Entretanto, elas são valorizadas em artigos de artesanato, pois permitem uma gama variada de cores, sem necessidade de corantes químicos. Com sua experiência pessoal e com o que aprendeu em entrevistas com artesãos, Clara acumulou muitos conhecimentos sobre corantes naturais. "O pessoal costuma dizer que as fases da lua influenciam o poder da tinta, mas acredito que a influência maior seja da estação do ano: na primavera, as plantas têm mais seiva circulando, o que não ocorre no outono, final do período vegetativo, quando há menos luz", explica a veterinária.

Muitas plantas já estão testadas e confirmadas como boas fornecedoras de pigmento. O alecrim-do-campo (*Heterothalamus alienus*) dá vários tons de verde até o marron-esverdeado; a cancorosa (*Jodina rhombifolia*), dá verde-pastel; o molho (*Schinus engleri*) rende uma linda cor bege-vermelhada; o são-joão (*Berberis laurina*) dá tinta amarela forte, quase ouro, de intensidade variável de acordo com o produto usado como fixador; coronilha (*Scutia-buxifolia*), bege-claro; salso (*Salix humboldtiana*), bege e marron; quina (cf. *Discaria americana*), verde-musgo e, sem fixador, champagne. A barba-de-pedra, um líquen (*Usnea sp*), dá tons de ocre. E com a macela (*Achyrocline saturoides*) pode-se obter lindos tons amarelos, desde que o alumínio seja usado como fixador. Do contrário, a cor não pega. Com outras plantas, pode-se usar sulfato de cobre, além do alumínio.

Atualmente, já existe tecnologia para o desenvolvimento de uma indústria caseira de tapetes e peças de decoração, e o mercado é garantido, afirma Clara. Em Pelotas, a indústria Lange avalia a qualidade industrial da lã e da pele de ovelhas crioulas para a Embrapa. A empresa já testou e aprovou a produção da "napalã", uma pele curtida e tingida, coberta por espessa camada de lã macia. De efeito bonito e toque agradável, a "napalã" é especial para produção de jaquetas e casacos. ■